

Sonho Regressivo (*)

**E
D
I
T
O
R
I
A
L**

Era 30 de novembro de 1964. O general Castelo Branco, primeiro presidente militar do País, promulgava o Estatuto da Terra, defendendo a reforma agrária. Até hoje permanece a dúvida: por que o regime autoritário adotou a proposta que mais combatia?

A análise histórica predominante argumenta que os militares roubaram a principal bandeira da esquerda brasileira visando a iludir e desmobilizar os movimentos sociais da época. Assim, o Estatuto da Terra representa, na verdade, um subterfúgio político. Uma esperta enganação.

Dezenas de estudos, teses acadêmicas e livros acabaram publicados referendando tal idéia. Os mais conceituados intelectuais a ela aderiram. Todos acreditando que a lei da reforma agrária vinda dos militares só poderia ser um embuste. Virou um paradigma.

Não fazia lógica pensar o contrário. Desde Francisco Julião e suas Ligas Camponesas, famosas no Nordeste entre as décadas de 1950 e 1960, a reforma agrária ecoava ruidoso brado contra o poder oligárquico. Com a assunção de João Goulart à Presidência da República, em setembro de 1961, os comunistas, que lideravam as demais organizações de esquerda, avançaram. A ordem era tomar os latifúndios e distribuí-los aos trabalhadores rurais. Tempos ruidosos.

O diagnóstico soava comum na América Latina. As desigualdades da estrutura agrária causavam a baixa produtividade agrícola e levavam à pobreza do homem do campo. Um entrave ao desenvolvimento. A teoria econômica se juntou com a política e, no calor dos acontecimentos, em março de 1963 Jango encaminhou ao Congresso Nacional o projeto governamental de reforma agrária. O assunto esquentou.

As desapropriações de terras, segundo o plano oficial, seriam permitidas obedecendo a nove condições. A reforma atingia de tudo. Incluía as

fazendas improdutivas, as exploradas em arrendamento ou parceria e, inclusive, as que, "embora utilizadas", fossem "indispensáveis ao abastecimento dos centros de consumo". Haja ousadia.

A reação dos conservadores, apavorados com a perspectiva de verem expropriadas suas posses, chegou forte. Em 7 de outubro de 1963, o projeto esquerdista de Jango foi derrotado no plenário da Câmara dos Deputados. Mas nem o presidente nem os agraristas se conformaram. E decidiram partir para o revide, nas ruas. Grandes comícios se organizaram, discursos acalorados pregavam as reformas de base, a começar da reforma agrária. Na lei ou na marra.

Deu no que deu. Recuperar esse clima político é importante para entender a perplexidade daqueles que, engajados na luta da reforma agrária, viram, meses após o golpe, Castelo Branco assinar a lei fundiária. Sentiram-se como alguém arditamente surrupiado de seu enredo. Qual era, afinal, o intuito do regime militar?

Carmem de Salis, jovem e atrevida historiadora, lança agora novas luzes sobre essa intrigante questão. Sua excelente tese de doutoramento, apresentada recentemente à Unesp-Assis, rompe com a teoria dominante na esquerda, comprovando, com sólida análise, que o governo militar não jogava para a torcida. Os formuladores do Estatuto da Terra defendiam a reforma agrária com convicção.

A diferença entre a proposta de João Goulart e a de Castelo Branco residia, fundamentalmente, na ideologia. Ambos visavam a desapropriação dos latifúndios. Mas na perspectiva da esquerda a reforma agrária deveria desaguar no socialismo. Para os castelistas, ao contrário, o objetivo era encorajar o capitalismo. Como?

Fortalecendo a propriedade privada da terra. Acabar com os "parasitas" da estrutura fundiária,

A reação dos conservadores, apavorados com a perspectiva de verem expropriadas suas posses, chegou forte. Em 7 de outubro de 1963, o projeto esquerdista de Jango foi derrotado no plenário da Câmara dos Deputados.

EDITORIAL

↳ Sonho Regressivo

■ Páginas 01 e 02

EVENTOS

■ Página 02

PEQUENAS NOTAS

■ Página 04

FIQUE SABENDO

↳ Economista defende reformulação do sistema de crédito rural no País

↳ Efeito da crise nas commodities agrícolas

↳ Produção na safra 2008/2009 deve cair 6,5%

↳ Produção mundial de grãos aumenta em quase 5%

■ Páginas 03, 04 e 05

NOTICIA DA CNA

↳ Presidente da CNA propõe Pacto Internacional de Produção

■ Páginas 05

ESPAÇO DO AGROPACTO

↳ Encontro semanal do dia 03/02/09

■ Página 06

Informativo Semanal



Nº 539

Órgão de divulgação de assuntos de interesse do Setor Agropecuário e do Pacto de Cooperação da Agropecuária Cearense.

Coordenação e Elaboração: Gerardo Angelim de Albuquerque - Chefe de Gabinete da FAEC

Coordenador Geral do Agropacto: JOSÉ RAMOS TORRES DE MELO FILHO (Presidente da FAEC)

Membros do Comitê Consultivo: Setor Público

Antônio Bezerra Peixoto - SDA
Antonio Cleber Maurício de Alencar - BB
Evandro Vasconcelos Holanda Júnior - Embrapa Caprinos
Francisco Zuza de Oliveira - ADECE
João Hélio Torres D'Ávila - UFC
João Ribeiro Crisóstomo - Embrapa Agroindústria Tropical
José Alves Teixeira - BNB
Teresa Lenice Nogueira da Gama Mota - SECITECE

Setor Privado

Carlos Prado - IBRAF/NE
Cristiano Peixoto Maia - C.S. Camarão
Edgar Gadelha Pereira Filho - C.S. Camaúba
Euvaldo Bringel Olinda - Instituto Frutal
Francisco Férrer Bezerra - FIEC
Gilson Gondim - C.S. Flores
João Nicélio Alves Nogueira - OCEC
João Teixeira Júnior - UNIVALE
José Alberto Costa Bezerra Júnior - C.S. Leite
Luiz Prata Girão - BETÂNIA
Raimundo Reginaldo Braga Lobo - SEBRAE/CE
Tom Prado - C.S. Frutucultura

Secretária:

KAMYLLA COSTA DE ANDRADE

Editoração Digital:

GEOVANA COSTA

Taquigrafia:

IRLANA GURGEL

Patrocínio:

BANCO DO BRASIL S/A

CONSULTA

Para maiores esclarecimentos sobre as informações aqui divulgadas, favor comunicar-se com a **SECRETARIA EXECUTIVA DO PACTO DE COOPERACÃO DA AGROPECUÁRIA CEARENSE**.

Endereço: Rua Edite Braga, 50 - Jardim América - 60.425-100 Fortaleza - CE

Telefones: (0xx85) 3535-8006/3535-8017

Fax: (0xx85) 3535-8001

E-mail: agropacto@faec.org.br

Site: www.agropacto-ce.org.br

Continuação

os velhos coronéis, permitiria criar uma progressista "classe média" no campo, com óbvia tendência conservadora. Nada melhor para evitar o perigo comunista de então.

Os acontecimentos posteriores impediram que o reformismo liderado por Castelo Branco prevalecesse. Seu falecimento, em julho de 1967, abriu as portas para a "linha dura" do regime militar. Primeiro, assumiu Costa e Silva, ministro da Guerra; depois, em 1969, chegou Médici. Época dos brutus torturadores. Com eles a política fundiária mudou completamente, priorizando a colonização das terras devolutas na Amazônia.

A ousadia da pesquisadora da Unesp abre brecha para uma reflexão. Fazer reforma agrária não significa, automaticamente, mudar o sistema econômico. Tampouco distribuição de terras se confunde com socialismo. Basta analisar a história.

O capitalismo europeu só vingou quando, na Revolução Francesa, os camponeses tomaram as terras dos nobres. Quem ganhou foi a nascente burguesia urbana. No Japão, após a 2ª Guerra, a reforma agrária promovida pelos EUA criou as bases de formidável economia. Propriedade privada.

Na Rússia verificou-se diferente rumo. A política revolucionária, executada na ponta da baioneta pelos comandados de Lenin, depois Stalin, levou à forçada coletivização da agricultura. Em Cuba, igualmente, a terra acabou nacionalizada por Fidel Castro. Propriedade coletiva.

Inexiste conclusão fácil nessa matéria. Tudo indica, porém, que a evolução da história superou o drama agrário, trazendo novos dilemas ao campo, como a problema ecológico. Há, decerto, os que ainda tentam fazer revolução no campo. Mas estes se assemelham a um perverso dom Quixote: criam uma fantasia, manipulam a pobreza e inventam moinhos de vento.

Com o fim do socialismo, a luta pela igualdade social tem transformado a reforma agrária numa espécie de sonho regressivo. A sociedade global, consumista, competitiva, parece exigir, no íntimo das pessoas, aquela busca de quietude que apenas se encontra no campo, a busca da paz que brota da terra. Uma utopia.

(Xico Graziano, agrônomo, é secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo)

Eventos

AVESUI 2009: Estará acontecendo no período de 27 a 29.04.09, em São Paulo-SP, a Feira da Indústria Latino-Americana de Aves e Suínos – AveSui 2009, onde serão esperados mais de 15.000 visitantes do Brasil e vários outros países do mundo. É um negócio que movimenta mais de 30 bilhões de reais por ano. O principal papel da feira é o estímulo de geração de contatos e negócios de cadeias produtivas distintas. Na feira, empresas mostrarão várias novidades e tecnologias de ponta de setores específicos como: transporte, veterinária, embalagens, nutrição, entre outros. O local do evento será o Expo Center Norte, em São Paulo-SP. Informações: www.avesui.com.br

Curso: Será realizado, no período de 16 a 19.02.09, na sede Central da CRV Lagoa, em Sertãozinho-SP, o Curso de Inseminação Artificial, uma promoção da Empresa Lagoa, que visa à capacitação adequada para a implantação e utilização da técnica de inseminação artificial. O curso é destinado a técnicos, estudantes, profissionais liberais, produtores rurais e demais pessoas ligadas à pecuária de corte e de leite, onde serão abordadas as seguintes questões: reconhecimento de cio, horário de inseminação e outros assuntos relacionados; manipulação do sêmen congelado, visando perfeita descongelamento; aplicação prática da técnica de inseminação artificial; anatomia do aparelho reprodutivo (prática realizada em peças anatômicas); manejo sanitário e zootécnico do rebanho para melhor aproveitamento da técnica e noções sobre alimentação e mineralização. Informações: Informações com Renata Ribas nos telefones (16) 2105-2299 / 2105-2218; E-mail renata.ribas@crvlagoa.com.br e pelo site www.crvlagoa.com.br

ALERTA AOS PRODUTORES RURAIS

A CONTRIBUIÇÃO SINDICAL RURAL É OBRIGATÓRIA E ENTRE AS SANÇÕES ESTÁ A COBRANÇA JUDICIAL.

FIQUE SABENDO !!! FIQUE SABENDO !!!

Economista defende reformulação do sistema de crédito rural no País

Criação de um sistema de financiamento integrado do produtor e de um fundo para garantir o refinanciamento das carteiras de crédito dos bancos, aumento dos subsídios aos produtores rurais, à sua renda e à lavoura.

Estas foram algumas propostas de reformulação do modelo de crédito rural no Brasil, apresentadas pelo economista Guilherme Dias em reunião no dia 8 com parlamentares da bancada ruralista e presidentes de Federações de Agricultura e Pecuária, na sede da CNA, em Brasília. "O atual sistema não suporta mais remendos e toda vez que o País está crescendo há uma trava na agricultura e o setor não consegue responder às necessidades de expansão", afirmou Dias, que foi ministro do Planejamento do Governo Fernando Henrique Cardoso.

Segundo o economista, este sistema de financiamento integrado do produtor consistiria na criação de um banco de dados dos agricultores, permitindo que todos os bancos e *tradings* tivessem acesso às informações de cada produtor rural. "Desta forma, todos teriam a mesma informação. Se um produtor pega diferentes fontes de financiamento, um banco desconfia do outro, pois não há muita transparência em relação ao produtor. É fato histórico", explicou. Em relação ao refinanciamento das carteiras de crédito, Dias disse que a medida visa alavancar o sistema de crédito rural e flexibilizar o financiamento ao produtor, proporcionando, entre outras vantagens, um desconto aos financiadores com carteiras bem administradas.

Para Guilherme Dias, este novo modelo de crédito rural passaria por um modelo de transição entre as safras 2009/2010 e 2010/2011. Neste período, ele defendeu uma nova renegociação para evitar o aumento do grau de inadimplência dos produtores, que hoje é de aproximadamente 15%. "Na transição haveria uma trégua para o produtor se adaptar ao novo sistema. Isso evitaria as negociações de sucessivas renegociações", frisou.

Defensora da reestruturação do atual sistema de crédito rural e de uma nova renegociação das dívidas dos produtores, a presidente eleita da CNA, senadora Kátia Abreu informou que inicia na próxima semana, juntamente com outras lideranças ligadas ao agronegócio, discussões com o Governo para viabilizar a implantação de um novo modelo de crédito rural. "O produtor hoje chegou ao limite do endividamento e do grau de risco de inadimplência. Precisamos flexibilizar o financiamento", enfatizou.

Outros pontos destacados por Guilherme Dias foram a necessidade de aumentar o subsídio ao frete de produção, para impedir que este item reduza o poder de compra do produtor que, em dezembro do ano passado estava negativo em 0,5%. O economista defendeu ainda a simplificação do sistema tributário pago pelo produtor, uma vez que um dos principais problemas enfrentados pelo setor é a alta carga de impostos, que levou à alta sonegação. No caso da agricultura, ele sugeriu a criação de um Simples, imposto pago por micro e pequenas empresas de outros setores.

Efeito da crise nas *commodities* agrícolas



A crise na economia mundial em 2008 está provando a desaceleração nos preços das *commodities* agrícolas (soja, milho, trigo, café, açúcar, suco de laranja, algodão e cacau) e não agrícolas (petróleo e metais). Os preços desabaram a partir de outubro/08. O dólar, após cinco anos em queda, apresentou alta. Do piso de R\$ 1,559 em 04 de agosto/08, alcançou R\$ 2,501 em dezembro/08. Hoje, está na casa de R\$ 2,3080/US\$.

Houve uma retração no crédito internacional e as exportações foram afetadas. As importações aumentaram mais que proporcionalmente. O saldo comercial foi menor. Já em janeiro/09, o Brasil tem o primeiro déficit na balança comercial desde 2001 (diferença entre o total de exportações e de importações do país, medida em dólares).

Diminuíram os investimentos estrangeiros no País, com uma redução na entrada de dólares. Os investimentos foram adiados. As taxas de crescimento econômico dos países, de uma forma geral, foram reduzidas. Para o Brasil, as previsões de crescimento são de 3% para 2009.

No caso dos produtos agrícolas, não poderia ser diferente. As *tradings* praticamente retiraram-se do mercado e a comercialização da safra nova se faz de forma mais lenta. A reação em cadeia já pode ser notada nas regiões produtoras com reflexos nos demais componentes do setor agropecuário.

Em 2008, o produtor rural ganhou um fôlego apesar de continuar se defrontando com a pressão dos custos de produção e do endividamento rural. O aumento médio no custo de produção foi de 30%. A majoração em 100% do custo dos fertilizantes à época do plantio foi uma das variáveis preponderantes.

Ao trazer os preços para valores reais, ou seja, descontando a inflação e analisando o período 2004-2008, conforme mostra a figura acima, tem-se que alguns dos principais produtos, como a soja, a carne suína e a carne de frango, registraram queda nos preços. O trigo, o leite e o boi gordo mostraram certa evolução.

No entanto, comparando a variação desses produtos com os principais índices de inflação tem-se que, sem exceção, todos tiveram crescimento inferior aos índices inflacionários. Isso demonstra um processo de transferência de renda do produtor rural para a sociedade e redução da sua renda.

PRODUTOR RURAL: Pague a Contribuição Sindical em benefício da manutenção do Sistema Sindical Rural

FIQUE SABENDO !!! FIQUE SABENDO !!!

Produção na safra 2008/2009 deve cair 6,5%

Os problemas climáticos ocorridos em Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina contribuíram para nova estimativa de queda de produção nacional de grãos na safra 2008/2009, que deve ser de 134,6 milhões de toneladas. Esta quantia representa retração de 6,5% na comparação com a safra anterior (2007/2008) e de 1,7% em relação à estimativa de janeiro, segundo dados foram divulgados hoje (5/2) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O levantamento aponta que a cultura mais prejudicada é o milho, cuja projeção de colheita caiu 14,2%, de 58,6 milhões para 50,3 milhões de toneladas.

No caso da soja, a projeção é de queda de 4,7% na produção da oleaginosa, passando de 60 milhões para 57,2 milhões de toneladas. Já a produção de arroz e feijão deve ter crescimento. Para o arroz, a previsão é de aumento de produção de 2,5% em relação ao período 2007/2008 (12 milhões para 12,3 milhões de toneladas), em razão do maior cultivo do cereal em áreas irrigadas, menos afetado pelas mudanças climáticas. Em relação ao feijão, a Conab explica que a expansão, estimada em 1,9%, se deve aos preços atrativos em época de plantio.

A estimativa da Conab prevê para esta safra aumento de 0,9% na área plantada em relação à safra 2007/2008, passando de 47,4 milhões de hectares para 47,8 milhões de hectares. Este aumento deverá ocorrer principalmente nas lavouras de trigo, feijão, soja e arroz. Por outro lado, as áreas de algodão e milho primeira safra deverão encolher 20% e 3%, respectivamente.

IBGE – O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística também divulgou sua estimativa de safra para 2009, que prevê redução de 7,6% na produção agrícola em relação a 2008. Desta forma, a colheita está estimada em 134,7 milhões de toneladas. Já a área plantada terá aumento de 0,8%, passando de 47,2 milhões para 47,6 milhões de hectares.

pequenas NOTAS



Valor Bruto da Produção cairá 7,4% em 2009, segundo a CNA: O Valor Bruto da Produção (VBP) da agricultura em 2009 sofrerá queda de 7,4% em relação a 2008 e deverá fechar em R\$ 173,2 bilhões.

Para o segmento de grãos, o faturamento estimado é de R\$ 96,8 bilhões, retração de 12,23% na comparação com 2008, quando o VBP fechou em R\$ 110,3 bilhões. Os dados são dos Indicadores Rurais, publicação elaborada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq-USP). O estudo atribui esta queda principalmente às previsões de redução na produção agrícola da safra 2008/2009, diante da escassez de crédito para o setor, a crise financeira internacional e os problemas climáticos ocorridos na região Sul.



Alheias à crise, cotações sobem em janeiro: Com forte influência dos chamados fundamentos, todas as oito principais commodities agrícolas negociadas pelo Brasil no mercado internacional encerraram o mês de janeiro com preços médios superiores aos de dezembro de 2008. Tal “alinhamento positivo”, exposto por cálculos do Valor Data baseados nas médias mensais dos contratos futuros de segunda posição de entrega (normalmente os de maior liquidez) transacionados nas bolsas de Chicago (soja, milho e trigo) e Nova York (açúcar, café, cacau, suco de laranja e algodão), não era visto desde junho de 2008. Ainda que o nervosismo nos mercados mundiais tenha sido muitas vezes exacerbado pelas notícias de desaceleração econômica tanto em países desenvolvidos quanto em emergentes em janeiro, provocando movimentações financeiras que ajudaram a influenciar as commodities, o resultado não foi negativo para as cotações como muitos analistas temiam no fim de dezembro, em meio a um cenário de muitas incertezas. Tragadas pelo aprofundamento da crise americana a partir de setembro, as cotações internacionais dos produtos agrícolas registraram queda abrupta até o fim de 2008.



Suínos: Queda de 13% na carne exportada em janeiro: Apesar do aumento em volume e receita nas exportações de carne suína no mês de janeiro, os exportadores brasileiros receberam menos pela tonelada embarcada, anunciou o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Para se ter uma idéia, a tonelada de carne suína exportada no mês passado custou US\$ 2.105,1, o que representa uma queda de 13,1% em relação aos US\$ 2.422,7 recebidos em janeiro de 2008. Na comparação com o mês de dezembro, a desvalorização foi ainda maior, chegando a 18%, quando a tonelada exportada chegou a valer US\$ 2.567,5.



Brasil economiza US\$ 976 milhões em importação de diesel: A produção brasileira de biodiesel proporcionou ao País uma economia de US\$ 976 milhões em 2008, referente à importação de diesel de petróleo, o equivalente a 1,1 bilhão de litros do combustível. Os dados estão no Boletim Mensal de Combustíveis Renováveis, do Ministério de Minas e Energia. Segundo o estudo, esta redução está atribuída à mistura compulsória do biodiesel ao diesel. O gasto total com a importação de diesel do petróleo no ano passado foi de US\$ 4,9 bilhões, o que representa quatro bilhões de litros, volume 36% maior do que o de 2007. O levantamento revela, também, que o Brasil exportou 5,16 bilhões de litros de etanol no ano passado. Os Estados Unidos foram os principais compradores do etanol brasileiro, adquirindo 2,8 bilhões de litros.



Produto amplamente utilizado em todo território nacional: O glifosato é a matéria-prima mais utilizada na fabricação de defensivos agrícolas e movimentou R\$ 1,2 bilhão anuais. O produto é amplamente utilizado por pequenos, médios e grandes produtores em todo o território nacional no cultivo de algodão e feijão e de produtos agrícolas como o milho e a soja, que têm impacto na produção de aves e de suínos voltados tanto para consumo interno e exportação.

FIQUE SABENDO !!!

Produção mundial de grãos aumenta em quase 5%

A safra mundial de grãos para esta temporada está estimada em 2,24 bilhões de toneladas, um acréscimo de 4,9% em relação à safra passada, que fechou em 2,12 bilhões de toneladas. O Brasil representa 6,2% dessa produção mundial, com 137 milhões de toneladas. Os números são do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, sigla em inglês). A entidade informou também a pesquisa dos grãos para o país, estimada em 400,6 milhões de toneladas.

Entre os principais grãos, o trigo deverá apresentar um aumento de produção de 11,9%, soja acréscimo de 5,6% na produção, o arroz incremento de 1,8%, e queda de 0,06% na produção do milho. Os estoques mundiais de arroz, milho, soja e trigo permanecem próximos aos níveis de cinco anos atrás. Na avaliação do coordenador-geral de Planejamento Estratégico, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), José Garcia Gasques, as previsões do USDA mostram relativa recuperação da relação estoque e consumo para esses produtos em 2009.

Gasques acrescenta que a participação brasileira ocorre de forma mais expressiva na produção de soja, e que o país deverá produzir 25,2% do total, ou seja, 58 milhões de toneladas. O primeiro lugar é ocupado pelos Estados Unidos com 34,5%, que representa 80,5 milhões de toneladas.

O levantamento da safra é realizado, mensalmente, com consultas a bancos, cooperativas, agricultores, agentes de mercado e representantes de indústrias de insumos no Canadá, México, Estados Unidos, União Européia (EU-27), Rússia, Ucrânia, China, Índia, Indonésia, Paquistão, Tailândia, Argentina, Brasil, Austrália, África do Sul, Turquia, entre outros. Os principais produtos pesquisados são o trigo, milho, arroz, algodão, soja, grãos forrageiros (aveia, centeio, sorgo, cevada) e sementes oleaginosas (soja e amendoim).

N

CNA levará proposta do setor de revisão do Código Forestal à Presidência da República

O

A presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e do Conselho Deliberativo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), senadora Kátia Abreu, anunciou que vai propor aos produtores rurais que assumam a liderança de um futuro Pacto Internacional da Produção com o objetivo de reduzir a fome no mundo. A medida teria como objetivo específico debater ações para ampliar a produção de alimentos e, em consequência, cumprir as metas do milênio estabelecidas em 2000 pela Organização das Nações Unidas (ONU). A mais importante delas é a redução de 50% da fome no mundo até 2015. Para alcançar este objetivo, ela defende que os produtores rurais brasileiros assumam a liderança nestas discussões.

"Como será possível acabar com a fome sem chamar os principais atores, que produzem os alimentos?" questionou Kátia Abreu, em discurso para os superintendentes do SENAR nos estados. "Desde que essas metas foram estabelecidas, em 2000, muito pouco foi alcançado. Os produtores brasileiros devem liderar pelo menos uma das metas que nos cabe nesse grande processo, que é aumentar a produção de alimentos".

São oito as grandes metas do milênio, sendo que duas delas estão diretamente ligadas à produção rural, e as outras três relacionadas a projetos que começam a ser desenvolvidos pela atual direção da CNA. A primeira das metas – e principal e mais difícil delas – é "Erradicar a extrema pobreza e a fome", rege o documento da ONU.

"O Brasil é o único do mundo que ainda tem grandes áreas para aumentar a fronteira agrícola", lembra a presidente. "Temos cerca de 70 milhões de hectares de terras que ainda podem ser incorporadas à produção de cereais sem precisar desmatar. Isso dá para produzir cerca de 270 milhões de toneladas de grãos, o suficiente para alimentar 100 milhões de pessoas. Não tem como fugir dessa responsabilidade, é preciso assumir a liderança do processo".

Outra das Metas do Milênio diretamente ligadas ao produtor rural brasileiro é a de "Garantir a sustentabilidade ambiental". A CNA e o SENAR preparam o lançamento de um novo programa, o Terra Adorada, com o objetivo de conscientizar o produtor de que ele é o maior interessado na preservação da terra e das águas. "Temos de enfrentar estes problemas que mais nos atingem", ressalta a presidente da CNA.

A ONU também tem a meta de "Melhorar a saúde materna"; a CNA o SENAR vão lançar o programa "Útero é Vida". A ONU tem a meta de "Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças"; os produtores brasileiros travam uma luta permanente contra a malária.

Por fim, a ONU tem a meta de "Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento"; os produtores brasileiros já são responsáveis por um terço do PIB e das exportações brasileiras. As estimativas para a agricultura mundial até 2016 (as Metas do Milênio são para 2015) indicam que o Brasil aumentará sua produção agrícola em mais de 54% e responderá por 38% da produção mundial. A expansão deverá ocorrer tanto graças ao aumento da produtividade como da área plantada. Isso significa que o País poderá ter 41% do mercado, ante os 30% de que dispõe hoje.

"Como prova a história da economia brasileira e sinalizam as projeções, a agropecuária representará papel cada vez mais relevante, não só para o Brasil, mas para o comércio mundial de alimentos", argumenta ainda a senadora Kátia Abreu.

A senadora explicou que alguns dos projetos da CNA e do SENAR visam justamente fazer com que o País seja exemplo para outros países neste Pacto Internacional da Produção, que ela está propondo.

Kátia Abreu informa que o SENAR terá um departamento de Coordenação Internacional para trabalhar junto à Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) na busca de alternativas para erradicar a pobreza e a fome.

Ela revelou ainda que o SENAR prepara um acordo com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), do Ministério das Relações Exteriores, com o objetivo de capacitar produtores e trabalhadores rurais africanos, principais vítimas mundiais da fome. O plano é criar Fazendas Escolas em todos os Estados do Brasil, cada uma com uma vocação diferente, e pelo menos duas Fazendas Escolas na África. No Brasil, as Fazendas Escolas receberão técnicos brasileiros, latino-americanos e africanos. Já as Fazendas Escolas na África receberiam instrutores do SENAR e da Embrapa com o objetivo de qualificar técnicos agrícolas do continente.

"Acabar com a fome não significa dar comida às pessoas, mas dar instrumentos para que possam trabalhar e ampliar sua produção", diz Kátia Abreu.



FIQUE

SABENDO !!!

C

I

A

D

A

C

N

A

A

Resumo da reunião do dia 3 de fevereiro de 2009

Tema: A Transnordestina e o Impacto do Agronegócio Cearense

Palestrante: Dr. Miguel Ângelo Barroso Andrade, Gerente Comercial da Companhia Ferroviária Nordeste – CFN



O Sr. Coordenador Torres de Melo abriu a primeira reunião do ano, justificando aos membros do Conselho Consultivo a mudança havida na programação da palestra no Agropacto. Disse que, em 1955, a Transnordestina era uma das missões do seu grupamento de engenharia no trecho Piquet Carneiro/Crateús, e que hoje não existe mais esse trabalho realizado àquela época. Falou da sua preocupação em que a ordem de serviço da Ferrovia está apenas com 96 km, quando o total seria quase 1.800km e se ainda poderia sonhar em vê-la pronta. Passou a palavra ao palestrante que disse da satisfação de estar no Agropacto; justificou a ausência do palestrante inicial, Dr. Marcelo e apresentou-se como Gerente Comercial da Companhia e, começou sua exposição dizendo que o projeto da Transnordestina é muito antigo, mas como outros, era voltado para política ou algum benefício social, mas que, atualmente, o projeto era alheio aos recursos do Orçamento da União. Iniciou com um histórico da Transnordestina, e a frase: Ferrovia é infraestrutura que precisa existir e crescer para que outras atividades prosperem. Falou que era uma empresa privada de logística, atual denominação da Companhia Ferroviária do Nordeste, que opera com 95 locomotivas, 1.600 vagões, é operadora concessionária do transporte de cargas na Malha Ferroviária do Nordeste, desde 1998 e o empreendedor responsável pela implantação da Ferrovia Transnordestina. Com a missão de promover o desenvolvimento regional sustentável, com soluções logísticas integradas e trabalha com transporte intermodal, desenvolvimento de novos negócios, consultoria em logística e armazenagem. Disse que eram mais de 4.200 quilômetros de ferrovia em sete estados nordestinos: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Piauí e Maranhão, com clientes como: Votorantin, Esso, Petrobrás e Shell, transportando produtos siderúrgicos, do agronegócio, materiais de construção, minérios, industrializados, contêineres, combustíveis e outros tipos de mercadoria. Convidou a todos para uma visita às obras da Ferrovia. Mostrou a trajetória da empresa, desde 1997, com o Leilão da Malha Ferroviária Nordeste, passando pelo início da implantação da Transnordestina, em 2006 e previsão de início de operação da ferrovia, em 2011, com geração de 3 mil empregos diretos e terceirizados e o compromisso permanente de criar oportunidades de trabalho, priorizando mão-de-obra local, qualificando-a;

promover o desenvolvimento socioeconômico da região; garantia de um empreendimento sustentável; respeito às comunidades, ao meio ambiente e à legislação. Passou a explanar sobre o projeto da Ferrovia Transnordestina: conceito: construir uma solução logística integrada para atender as regiões nordeste e centro-oeste do Brasil, com foco no agronegócio e na indústria mineral. Componentes: ferrovia e terminais portuários, 1.728 km de ferrovia ligando Eliseu Martins (PI) aos portos de SUAPE (PE) e Pecém (CE). Disse que o projeto foi concebido considerando-se: nova fronteira agrícola - Cerrado Brasileiro (terras, clima e qualidade de solo) – Sudeste do MA e PI e Oeste BA; indústria mineral (reservas); efeito catalisador por permitir uma solução logística de alta capacidade e baixo custo. Potencial agrícola no cerrado brasileiro: 85 milhões de toneladas anuais, 15, 4 milhões de hectares. Mostrou no mapa, o mercado potencial para o desenvolvimento econômico regional em minério, agricultura, construção civil e a localização dos containers. Deu detalhes do projeto: a ferrovia ligará Eliseu Martins ao Porto de Suape e ao Porto de Pecém, tem bitola larga e mista, com rampas: sentido exportação: 0,6% , rampas: sentido importação: 1,0%, curvas de 400 metros. Projetada para garantir serviços logísticos: alta qualidade X baixo custo. Terminais: 2 Terminais portuários - exportação de granéis sólidos, em localizações estratégicas: principais mercados consumidores e em portos aptos a operar navios “*cape size*”. Mostrou a produtividade da Ferrovia: passar de 30 para 104 vagões, de 18 para 32 toneladas por eixo, capacidade final de 30 milhões de toneladas/ano. Deu uma panorâmica no traçado geral da Ferrovia, mostrando os trechos, tais como Missão Velha/Salgueiro (70 km serviços de infraestrutura, com conclusão da Infra-estrutura em dezembro de 2008, valor de 150 milhões de reais), Trindade/Eliseu Martins (projeto aprovado, licenças ambientais LP – Dez 2008, LI – Janeiro 2009; desapropriação em dezembro 2008 e término de Obras: em novembro 2010), etc. Finalizou mostrando o plano de investimentos de 2007 a 2010, totalizando quase 6 bilhões de reais.

Debates

Fizeram debate interativo, e houve diversas complementações e questões sobre distâncias entre trechos (Sr. José Trajano), desvio de percurso por conta de minas e fonte de recursos (Sr. Coordenador), medida padrão, distância de Itaitia recursos, (Sr. José Sobrinho), meio ambiente, assoreamento e preocupação com animais silvestres, terminais para cargas refrigeradas (Sra. Rosália Aguiar), o ano do estudo de viabilidade e transporte de frutas (Sr. Euvaldo Bringel), etc. O Sr. palestrante fez os devidos esclarecimentos ao longo da apresentação. Houve um intervalo para uma entrevista dada à Imprensa, e logo após, o Sr. Coordenador fez mais algumas considerações e encerrou a reunião, agradecendo a presença de todos.